

APRESENTAÇÃO

Aprendemos com Michel Foucault que a singular e complexa tarefa de fazer uma *ontologia histórica de nós mesmos* (ou, uma *ontologia do presente*) nos desafia a captar, de nossa pura atualidade, tanto sua dimensão que já se encontra cristalizada, definida, semiotizada, valorada (positiva, ou negativamente), normalizada, estratificada, quanto, simultaneamente, aquela sua outra dimensão, a qual, diferentemente da primeira, ainda se encontra em processo, em devir, expressando-se no mais das vezes em tendências virtuais em vias de atualização. Como se pode depreender facilmente, é bem mais fácil dar conta da primeira do que da segunda dessas duas dimensões. Defendemos aqui que a parte processual de nosso presente histórico remete, incontornavelmente, e em boa medida, ao que vem se dando, sobretudo, nos domínios da técnica, da tecnologia, da tecnociência e das convergências tecnológicas, tal a força com que, agenciadas entre si, elas vêm produzindo efeitos, desdobramentos, transformações e reconfigurações da vida nos mais variados âmbitos nas sociedades contemporâneas.

Se isso procede, faz-se mister, talvez como nunca, e sem demora, revisitar e repensar o modo como tradicionalmente compreendemos a curiosa e enigmática relação dos seres humanos com a técnica, com a tecnologia, com a tecnociência, com as máquinas etc. Se isso também faz sentido, talvez essa tarefa não possa ser enfrentada a contento sem que, para tanto, não tenhamos o genial filósofo francês Gilbert Simondon (1924-1989), atualmente tido por muitos como um dos principais, senão o principal filósofo da tecnologia, como intercessor privilegiado, senão obrigatório e, por isso mesmo, capaz nos ajudar consideravelmente na tentativa de responder às seguintes indagações: a) como nos tornamos o que (hoje) somos?; b) em relação a que estamos em vias de diferir?; c) o que vem sendo feito de nós em nosso presente; d) o que estamos fazendo do que vem sendo feito de nós em nosso presente?; e) em que termos e em que medida, nossas relações com a tecnologia estão implicadas às respostas a cada uma dessas perguntas?

A relação do ser humano com a tecnologia tem sido marcada, sobretudo, desde a Revolução Industrial até os nossos dias, por uma dicotomia em que, por um lado, se identificam segmentos demasiado otimistas quanto a esse vínculo, que preveem um futuro no qual a tecnologia, como que “beatificada”, libertaria o mundo do trabalho (da produção), garantindo, dentre outras coisas, mais liberdade e melhores condições de vida aos indivíduos e às coletividades; por outro, grupos que, entre céticos e pessimistas, ao contrário dos primeiros, tendendo mais à demonização das tecnologias, antecipam horizontes sombrios ao que está por vir, não descartando, inclusive, a pura e simples extinção da humanidade.

Essas atitudes extremas de “apocalípticos” e “integrados” (pensando com Umberto Eco) denotam, por outro lado, graus significativos de desinformação e alienação tecnológica, as quais amiúde são a um só tempo capturadas e investidas estrategicamente por grupos, conglomerados financeiros, corporativos e/ou militares que operam de um modo ou de outro tanto com as novas tecnologias, quanto com os processos de convergências tecnológicas, de modo a atenderem a seus interesses político-econômicos imediatos e mediatos, facultando-lhes não só a acumulação desmedida de imensas riquezas, mas também força política, posições estratégicas e o exercício de dispositivos e mecanismos de poder que lhes permitem a dominação, a governamentalização dos Estados-Nações - em meio a um cenário marcado seja pela fragilização das democracias liberais representativas, seja pela preocupante ascensão de neofascismos pelo planeta - mas também o governo dos corpos e das subjetividades (mediante o controle e a modulação das condutas) e, por fim, a precarização e exclusão das populações pobres, trabalhadoras e periféricas, sempre que elas vierem a se constituir, aos olhos daqueles, como entraves à realização de seus projetos predatórios e ao atingimento de suas ambições.

No complexo e paradoxal cenário do século XXI, onde o avanço tecnocientífico coexiste com crises sistêmicas (político-econômicas, climáticas, sociais e existenciais), o pensamento de Gilbert Simondon (1924-1989) emerge como um referencial indispensável à realização dessa ontologia do presente, ou dessa *cartografia* (para falar com Gilles Deleuze e Félix Guattari) do que sucede conosco em nossa contemporaneidade, e isso malgrado sua obra ser ainda relativamente pouco conhecida no Brasil e apesar de - sobretudo, de duas décadas para cá -, já vir repercutindo significativamente em todo o mundo.

Suas duas teses de doutorado, concebidas no início da segunda metade do século XX, são surpreendentemente atuais. Tanto a primeira, a principal, *Individuação à luz das noções de forma e de informação* (ILFI), quanto a segunda, a complementar, *Do modo de existência dos objetos técnicos* (MEOT), como seus títulos sugerem, não só evidenciam como já antecipam a preocupação fulcral de Simondon com um imbricamento entre a tecnociência e o humano.

A filosofia simondoniana inova ao incorporar conceitos da física para elaborar o que ele denominou de *ontogênese*, um processo dinâmico de gênese, formação, desenvolvimento e transformação do humano. Nesse processo, o conceito de *metaestabilidade* mostra-se fundamental para compreender não apenas os processos ontológicos em geral, mas também os processos de individuação e concretização dos objetos técnicos. Simondon nos

convida a ir além da visão estática dos seres e das coisas, compreendendo-os como processos contínuos de devir, de constante atualização e relação com seu meio. Essa perspectiva dinâmica é crucial para entendermos como a técnica não é um mero instrumento, mas uma parte integrante e ativa da nossa existência e do nosso desenvolvimento.

Para Simondon, a resposta à fragmentação, à alienação e à crise do Antropoceno reside no *pensamento reflexivo*. A filosofia assegura a continuidade entre as fases sucessivas de progresso e impede a *descentralização do humano* e a alienação de sua concretização objetiva. Em um mundo onde a tecnociência, sob o jugo do capitalismo neoliberal e rentista, ameaça nossas condições de existência, o chamado de Simondon é por uma redefinição radical do progresso.

Essa redefinição implica um novo agenciamento do *nós*, concebido doravante como uma rede orgânica, que procura integrar uma evolução específica do humano. O dossiê propõe-se, portanto, a explorar as diversas implicações do pensamento de Simondon, partindo de suas obras recentemente traduzidas para o português, de seus textos publicados em França e de obras de alguns de seus principais comentadores. Busca analisar como e em que sentido a visão de Simondon sobre a *individação* (o processo pelo qual os seres se constituem e se diferenciam), a relação intrínseca entre o humano e a técnica, e a necessidade de um *pensée réflexive*, oferecem um misto de estrutura e suporte conceitual robusto a essa tarefa. Esse dispositivo teórico-filosófico simondoniano nos permite reavaliar nossa relação com a tecnologia e nossos modelos de desenvolvimento, tendo em vista a construção de um futuro em que o progresso se dê em *ressonância com o planeta*. Não se trata de rejeitar a tecnologia, mas de compreendê-la, integrá-la e direcioná-la para irmos além daquela dicotomia, anteriormente aludida, relativa à alienação tecnológica, fomentando uma compreensão da técnica como parte integrante do processo de individuação e concretização, tanto do humano quanto do mundo. Nesses termos, sua filosofia constitui-se não só como uma oportunidade para subsidiar, mas também como um convite mais do que oportuno para realizarmos uma reflexão densa e consequente acerca de nosso papel na era do Antropoceno, redefinindo o progresso em termos de conexão, responsabilidade e uma autêntica *ressonância interna com o planeta*.

Este dossiê, além de ser uma homenagem a esse grande filósofo francês pelo centenário de seu nascimento, reúne algumas leituras que buscam desvendar facetas a um só tempo distintas e cruciais da obra desse grande pensador, a qual, segundo nosso juízo, oferece um arcabouço teórico-filosófico substancial e potente para que possamos reavaliar nossa

relação com o mundo, com a técnica, com a tecnologia, mas também com aqueles fatores relacionados à cultura, aos processos de subjetivação e às relações de sociabilidade nas sociedades contemporâneas. Daí o seu título: *Simondon e Nós*.

Gostaríamos de externar aqui nossos mais sinceros agradecimentos ao Prof. Eduardo Ferreira Chagas (UFC), por acolher generosamente o presente dossiê na Revista *Dialectus*; à toda a equipe da Revista *Dialectus*; ao Prof. Thiago Mota (UECE), a Luís Eduardo Aragón, pela generosa mediação junto à família de Simondon; à Senhora Nathalie Simondon, pela gentileza em autorizar a publicação em nosso dossiê de um texto inédito (em língua portuguesa) de seu pai; à Profa. e filósofa Irlande Saurin, que gentilmente autorizou a publicação de um texto seu, também inédito em língua portuguesa; aos professores Thiago Novaes e Willis Santiago (UFRJ), pela tradução e revisão técnica dos textos estrangeiros; aos colegas organizadores do dossiê *Simondon e Nós* (Helano Castro, Thiago Novaes e Willis Santiago) e; por fim, às nossas e aos nossos colaboradores, que contribuíram decisivamente para valorizar esse dossiê, honrando o extraordinário legado que nos foi deixado por Gilbert Simondon.

Sylvio Gadelha (UFC)